

Atualidade econômica

Críticas à falta de rumos na economia

Brasil

Não é animador o quadro mostrado por diversos empresários, ontem, pelo País, em contundentes críticas à política econômica do governo. "Não tenho dúvidas de que 1982 será um dos anos mais difíceis do pós-guerra", afirmou, em Curitiba, Abílio Diniz, superintendente do Grupo Pão de Açúcar. Os rumos adotados "não estão levando a lugar nenhum", disse, no Rio, o presidente da Associação Brasileira das Companhias Abertas, Victório Bhering Cabral, ao pedir às classes empresariais uma tomada de posição.

Ouviram-se também queixas setoriais. "Daqui para a frente, as pers-

pectivas são sombrias, diante da indefinição dos programas e recursos disponíveis", disse, em São Paulo, o presidente da Abdib, Waldyr Gianetti. A indústria de bens de capital, segundo dados dele, produziu 18,7% menos, perdeu 37% na lucratividade e teve aumento de 50% na participação das despesas financeiras, em 1981. E, no Rio, o presidente da Federação das Indústrias do Estado, Arthur João Donato, disse que também lá os empresários estão apreensivos com a redução da atividade econômica. Tal redução continuou no mês de janeiro. Segundo os dados disponíveis no Banco Central, houve que-

da de produção em vários setores industriais. Enquanto a inflação, segundo Júlio César Martins, da Seap, deve ficar entre 6% e 7% em março.

A retomada do crescimento econômico, para Diniz, só é possível se o País conseguir uma taxa de crescimento do PIB de 6% ou mais, "o mínimo para manter o País socialmente bom". Se tal crescimento for de 4% ou 5%, o Brasil estará de volta ao patamar de 80. "Ou seja, trabalhamos dois anos para que cada brasileiro ficasse mais pobre, pois a população cresceu e a economia não".

"O setor privado está esperando

a abertura política, porque, à medida que ela se consolide, acabará a possibilidade de o governo legislar sozinho as políticas monetárias e fiscais", disse Bhering.

Embora não seja uma reação direta a todas as críticas, as atitudes da área oficial destoam das queixas. "Com a abertura política e a desconcentração econômica que o presidente Figueiredo está implantando no País, não há mais lugar para empresários mudos, porque o governo não será surdo", disse, em São Paulo o ministro Camillo Penna. Esse foi o introito para ele dizer que, do gover-

no, os empresários não devem esperar mais crédito. "Não há recursos para isso", afirmou. (A contenção é sensível: o conjunto das instituições financeiras — privadas e oficiais — aumentaram em 11,4% os empréstimos ao setor privado nos dois primeiros meses do ano. O índice é inferior à taxa de inflação do período, 13,6%).

Também para o ministro Delfim Netto as coisas vão bem, ao menos na área de energia. Ao conferenciar na Escola Naval, no Rio, ele relacionou a crise do petróleo — e os esforços feitos nos últimos três anos para contorná-la — às dificuldades atuais. "Olho em volta e vejo muito poucos

países que tenham obtido resultados na superação da crise como o Brasil vem obtendo", disse. Um terceiro ministro, César Cals, preferiu fazer uma previsão — e mais sombria — para o próximo ano. Se a oposição ganhar as eleições estaduais, disse em Porto Alegre, anteontem, vários projetos grandes serão paralisados, "no mínimo, por seis meses".

O embaixador e ex-ministro Roberto Campos admitiu, no Rio, que "vivemos dias pesados". Ele consolase, porém, com o fato de o Brasil não estar sozinho, pois todo o mundo vive momentos de desorientação.